# O PADRE FRANCISCO PINTO

A Primeira Catechese de Indios no Ceará,

POR

## Paulino Nogueira (1)

I

Vou-me occupar com a vida de um varão, cuja fama, maior do que seu nome, e cujas virtudes, maiores do que seu louvor, são a um tempo verdadeiros mananciaes de saudaveis e uteis ensinamentos para a Religião e para a historia.

O padre Francisco Pinto nasceu em Portugal, não se sabe no certo—si na Ilha de S. Maria, si na Ilha Terceira (2); sabe-se, porém, que seus paes, nobres de nascimento, trouxeram-n'o, ainda criança,

(1) Este trabalho eu já tinha publicado, em folheto, em 1887, offerecido ao nosso sabio e virtuoso Snr. D. Joaquim José Vieira, Dignissimo Bispo desta Diocese; e ao meu nunca assás lembrado mano padre Francisco Xavier Nogueira, Vigario collado da freguezia de S. Anna.

Reproduzo-o hoje na Revista do *Instituto do Ceará*, por me parecer de interesse depois das recentes festas do *Tricentenario*, nesta Capital.

(2) O padre Jesuita Antonio Franco, na *Vida do Admiravel Padre José de Anchieta—Thaumaturgo do Novo Mundo*, pag. 91, o dá por natural da cidade de Angra, na Ilha Terceira.

para Olinda, em Pernambuco onde fez seus primeiros estudos; seguindo depois para a Bahia, onde professou na Companhia de Jesus, aos 17 annos de idade, em 1568.

Dedicou-se, desde então, exclusivamente á catechese de indios, na qual distingue-se logo de um modo excepcional. Humilde por virtude, o era tambem por estudo, assim como caritativo por natureza, especialmente para com os indios, com os quaes, dizem, tinha uma tão especial graça que, apesar da dureza e barbaridade delles, lhes roubava o coração e submettia a vontade. A todos estes dotes reunia o perfeito conhecimento da lingua indigena, da qual deu sobejas provas de muito sabedor e apaixonado.

A principio foi missionario nas aldêas já convertidas; mas, não cabendo mais seu grande zêlo em missões pacificas, entrou pelos sertões a dentro a converter os gentios, entregues só ás leis da natureza e aos seus barbaros costumes, ora humilhando-se para não irrital-os, ora conservando-se entre elles para lhes inspirar amor e confiança (1). Nunca os perigos o intimidaram, nem as necessidades lhe entibiaram o animo, ou acobardaram-lhe o espirito. Vivia em continua mortificação, como si vivesse morto para tudo aquillo que podesse trazer-lhe commodidades, fiado sómente na assistencia da Providencia Divina, em que punha todas as suas esperanças e confiança. Nada possuia de seu, tudo quanto tinha era dos pobres: de modo que, si alguem lhe perguntasse em que

(1) S. Agostinho ensina na sua obra – *Modo de Catechizar os Ignorantes*:

«Jesus fez-se pequeno entre nós como uma mãe no meio de seus filhos. Que encanto não poderia haver no diminutivo das palavras, si o coração de quem as profere não se acha abrazado no amor? Para uma mãe é mais doce offerecer a seu filho um alimento leve, do que servir-se ella mesma de alimentos substanciaes. Deve assim fazer o catechista, semelhante á gallinha que, com sua voz roqueuha, chama os pintainhos para junto de si, e os cobre e aquece com as azas».

consistia sua riqueza, elle puderia bem responder com S. Lourenço quando, interrogado no mesmo sentido pelo impio ministro Maeriano, apresentou-lhe todos os mendigos da sua aldêa.

Seria inerivel que um simples mortal concentrasse tantas virtudes si, felizmente, de outros maiores feitos não estivesse cheio o *Flos Sanctorum*; mas nem por isto se deixa de admirar o thesoiro de graças deste coração excepcionalmente bom. A pureza do corpo prezava e zelava elle mais do que nunca prezára e zelára usurario algum os seus possuidos, pelo grande heroismo em que sempre a soube conservar no meio de tantos laços sem cahir, junto á tanto fogo sem queimar-se, e em tantas occasiões sem perder-se.

Conta-se delle que, sendo Superior da aldêa do Espirito Santo, na Bahia, começou de sentir uma desesperada tentação que muito o molestava. Em identica situação ao grande thaumaturgo, padre José de Anchieta, occorreu o inerrente expediênte de escrever na areia da praia, em latim, um poêma dedicado á virgindade de Maria Santissima, com quem pegára-se fervorosamente para amparal-o em sua fraqueza (1).

Bem sabia Pinto que a simples tentação nem sequer peccado leve é; pois o proprio Christo foi tentado (2). Mas tão escrupuloso era o nosso heróe que

(1) Este edificante episodio é decantado por Magalhães, visconde de Araguaya, no seu poema – *Confederação dos Tamoyos*, Cant. 10, Pag. 302.

(2) Peccado e gravissimo é o *deixar-se cahir em tentação*, como nos adverte o *Padre Nosso*, a oração que Jesus ensinou de viva voz aos seus Apostolos.

Mas não deixar-se vencer pela tentação grande é a felicidade, como ensina S. Thiago, *Epistola*, Cap. 1.º, v. 12: – "*Beatus vir qui suffert tentationem, quoniam cum probatus fuerit, accipiet coronam vitæ, quam repromisit Deus diligentibus se.*

Sobre – *Tentação* –, vide *Imitação de Christo*, Pags. 33 á 35.

não duvidou pôr logo em pratica um pensamento que lhe occorreu—todo cruento, depois do emprego continuo de varias asperezas, devoções e penitencias, sem resultado:—tomou de uma candêa accesa, e com ella queimou a propria carne para, dizia elle, apagar com o fogo outro fogo, que queria devoral-o: ficando assim com a parte lesada—em braza viva! e, como ainda depois de alguns mezes o mal não estivesse totalmente combatido, valeu-se da assistencia do seu irmão em Christo, padre Pedro Leitão, Superior da aldêa de S. Antonio, o qual acudio-o do prompto, ajudando-o com remedios medicinaes e espirituaes a cural-o do corpo e d'alma (1).

E' que elle bem sabia que a virtude por excellencia do sacerdote é inseparavel da castidade, como proclama em lindos versos o autor do Jocylin:

*E' o padre urna santa, que se guarda,*
*Suspendida na abobada do templo,*
*Que não turvam as aguas da cisterna,*
*Não se enrubesce ao nectar dos humanos;*

(1) Este facto é certificado pelo padre Sebastião Vaz, Reitor do Collegio da Bahia, aos 8 de Agosto de 1659, como tendo ouvido-o ao proprio padre Pedro Leitão.

Tanto a esse facto como ao do padre Anchieta allude José de Alencar no seu romance inedito—*Como e porque sou romancista*, pag. 37, nestes termos:—

«Recordo-me de que para o martyrio do Padre Francisco Pinto, morto pelos indios do Jaguaribe, se volvia meu espirito com predilecção. Intentava en figural-o na mesma situação em que se achou o Padre Anchieta, na praia da Iteroig, mas succumbindo a final á tentação. A lucta entre o apostolo e o homem, tal seria o drama, para o qual me faltecíam as forças.

«Actualmente que embora em scena diversa, já tratei o assumpto em livro proximo a vir a lume, posso avaliar da difficuldade da empreza».

Infelizmente, o livro promettido, ou nunca veio a lume, ou eu nunca tive a felicidade de lêl-o, apesar de estar persuadido de que não deixei de ler uma só das producções litterarias e politicas do autor.

*E' nem se passa ao proximo convida;*
*Mas donde a herva odôra, o incenso d'alva*
*Perenne sobe ao fogo do holocausto;*
*Para os mais homens é no seu silencio*
*O que o orgão do altar é para a lyra;*
*Não mescla a voz profunda e solitaria*
*Fóra do templo ao vozear do mundo;*
*As virgens a seus sons não prendem passos;*
*Nem repete esses sons echo profano;*
*Mas na sombra do templo a voz altêa,*
*Grande, que avulta e corre, como o vento,*
*E em sancta aspiração, a Deus eleva*
*Da natureza e humanidade o hymno.*
*Mas (dizeis) vive só. A alma do padre,*
*Que ao raio da mulher jamais se aquece,*
*Retrahe-se e mirra em solidão tão erma:*
*Não tem familia e o coração lhe secca.*
*Dizei que ao homem a familia estende,*
*Que os pobres lhe são mãe, mulher e filhos;*
*Que seu immenso amor Christo lhe infunda:*
*Que é seu, por dó, quanto padece e chora* (1).

Mas venceu afinal o servo de Deus! triumphou o espirito sobre a carne nessa lucta desigual e terrivel, cuja victoria é por isto mesmo brilhante e valerosa; pois a virtude, quando vence no combate, augmenta de brilho e de valor.

A tão bom servo Deus não podia deixar de dilatar os dias para edificante encorajamento dos que trabalham na vinha—do Senhor. Si permittiu que elle ainda soffresse gravissima molestia não foi sinão para fortifical-o mais; porque, como diz S. Paulo, *Epistola aos Corinthios:* «Toda a virtude se fortifica na enfermidade». *Omnis virtus in infirmitate perficitur.*

E' assim que, estando Pinto, uma vez já confes-

(1) Alfonse de Lamartine, *Jocelyn*, traducção do Conselheiro Dr. João Cardoso de Menezes e Souza, depois barão de Paranapiacaba, pag. 20.

sado e sacramentado, no Collegio da Bahia, chega-se-lhe o padre Anchieta, Provincial da Ordem, e diz-lhe como verdadeiro interprete de Deus estas prophecticas palavras—«Meu padre Pinto, vossa Reverendissima quer-se ir ao céo de mãos lavadas? Pois não ha de ser assim! *Longa tibi restat vita!* Tem ainda muito que passar e padecer; não ha de morrer de morte tão descançada; antes della ha de ter muitos trabalhos; ha de fazer muitos serviços a Deus e salvar muitas almas! Levante-se vossa Reverendissima, e vá dar no côro as graças ao Santissimo Sacramento, que é quem lhe concede esta saúde.»

O mesmo foi que acabar de fallar o santo Prelado que achar-se repentinamente são o venerando moribundo. Vestiu-se e foi dar graças no côro, e desta vez não mais adoéceu (1).

Restabeleceu-se, com effeito, e d'ahi em diante sua vida conta-se por actos assombrosos á propria imaginação civilisada! De uma feita, em desempenho de ardua e piedosa missão de catechista, achou-se entre os indios dos sertões do Rio Grande do Norte, que luctavam com rigorosa secca. Supplicaram-lhe que rogasse a Deus por chuvas, que estas cahiriam, tal a confiança que tinham em suas preces. Como o apostolo S. Thomé, em Meliapor, ante o rei dos Brahmenes, elle

*Sabia bem que se com fé formada*
*Mandar a um monte surdo, que se mova;*
*Que obedecerá logo á voz sagrada:*
*Que assi lh'o ensinou Christo, e elle o prova* (2).

---

(1) Este *facto* é referido pelo padre José de Moraes na sua *Historia da Companhia de Jesus na Vice Provincia do Maranhão e Pará, Cap. IV.*

(2) Camões, *Luciadas*, Can. X, Est. 112.

E' a traducção dos Evangelhos de S. Matheus, Cap. 17. v. 19, e de S. Marcos, Cap. 11o,v. 23.

Movido então á compaixão, e todo cheio de fé, pedio fervorosamente a Deus, com os olhos no céo e os joelhos em terra, quizesse em sua infinita misericordia acudir á uma necessidade tão urgente, do cujo favor puderiam ao mesmo tempo abrirem-se as nuvens em abundancia d'agua, e os entendimentos dos infiéis, para não duvidarem do poder de um tão omnipotente Deus.

Estupenda maravilha! Apenas acabou o fervoroso Elias sua ardente supplica, desataram-se os céos em tal abundancia d'agua (1), que d'alli em diante fructificaram para Deus e para os homens aquellas terras ardentes e reséquidas.

Por esse prodigio foi tamanho o conceito que os indios passaram a fazer da sanctidade do padre que, tomando o logo por uma divindade, deram-lhe o expressivo appellido de *Anamajára*, que significa —*Senhor da chuva* (2).

## II

Vão-se-lhe agora offerecer um theatro ainda mais vasto e glorioso ás suas insignes aptidões de eximio catechista.

Frustrada de todo a tentativa de Pedro ou Pero Coelho de Souza, já justamente julgado pelos chronistas (3), de reconquistar por terra a *Ilha do Ma-*

(1) S. Cyrillo de Alexandria, em suas *Notas ao Genesis 6*, diz «que Deus fez as aguas no firmamento para mandal-as ao mundo quando quizesse».

(2) O padre José de Moraes, *Hist.* citada, Cap. XI, refere compridamente este facto, e ainda outro passado nos sertões da Bahia.

Candido Mendes, *Memorias da Historia de Maranhão*, Tom. 2.º *Introd.*, Nota 1.ª á pag. 14, accrescenta que «Pinto manteve o mesmo appellido nos sertões de Jaguaribe por actos identicos».

(3) Varnagen, visconde do Porto Seguro, *Hist. Ger. do Bras.*, Tom. 1.º pag. 315.

*ranhão* do poder dos francezes, a Gaspar de Souza, Governador de Pernambuco, depois de ouvir a Martim Soares Moreno, official intelligente, experimentado e cordato d'essa arriscada expedição, occorreu a feliz ideia de uma outra tentativa; mas já agora mediante a catechese dos indios das mesmas paragens, por onde tinha andado Pedro Coelho, sobretudo dos da Ibiapaba, porque foram os que mais difficuldades lhe offereceram então. Havia chegado a vez do Evangelho, que vem sempre a tempo e a proposito para mostrar que, sem elle, é insufficiente o esforço humano por maior que seja; ou como melhor disse o poeta:

*Proclamaes a justiça pela espada;*
*Trazendo hordas selvagens para a luz*
*Mas a conquista só será guardada*
*Pelos braços da cruz!*
*Não a cruz dos flagicios que na praça*
*Se ergue hedionda, mas sim esse madeiro*
*Aonde, para revelar a graça,*
*Deu a vida o Cordeiro* (1).

Abraçado graciosamente, como era de esperar-se, o pensamento do Governador pelo Provincial da Companhia de Jesus, Padre Simão Pinheiro (2), foram

(1) Theophilo Braga, *Miragens Seculares*, pag. 137.

(2) O padre José de Moraes, cit., Cap. 3.º, diz que a esse tempo era Provincial da Ordem o padre Simão Pinheiro, segundo a *Carta Annua*, que elle tem por verdadeira mas Araripe, *Hist. do Ceará*, pag. 82, e Catunda, *Estudos da Hist. do Ceará*, pag. 65, dão por Provincial o padre Fernão Cardim. Penso, porém, que ha engano: a esse tempo o padre Cardim deveria ser Reitor do Collegio da Bahia. Vide Fernão Cardim, *Indios do Brasil*. Edição de Capistrano de Abreu, *Introducção*, Nota 1.ª á pag. 13.

Diogo de Campos Moreno, *Jornada do Maranhão por ordem de S. Magestade feita no anno de 1614*, pr., dá a iniciativa dessa segunda tentativa ao Provincial ou aos Jesuitas, mas prefiro seguir neste ponto a opinião autorisada do padre José de Moraes.

escolhidos para tão ardua missão os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira. Este, si bem que ainda joven, aos 28 annos de idade, sem perfeito conhecimento da lingua dos naturaes, em que aliás veio a ser peritissimo (1), era todavia o mancebo a quem, por suas virtudes e serviços, estava tambem reservada a palma do martyrio, como ao seu immortal companheiro, depois de haver elle fundado a *Missão do Maranhão.*

Nas *Instrucções*, que lhes foram entregues, recommendava-se-lhes «que, antes de passarem adiante, chegassem primeiro ao Ceará, onde tinha estado Martim Soares Moreno, para temperarem os animos d'aquelles indios notavelmente azedos com os destemperos de Pedro Coelho; e, para melhor o fazerem, levassem tambem em sua companhia alguns dos que elle tinha amarrado no Ceará, assim tobajaras como tupinambás, vindos do Maranhão á serra, e da serra ao injusto captiveiro dos pernambucanos, os quaes, postos já em liberdade pelo Governador Gaspar de Souza, viviam contentes nas aldêas, e agora acompanhavam, gostosos, aos padres, para os encaminharem seguros á Ilha do Maranhão, em cuja conquista, convidados do premio, queriam ter não pequena parte; praticando com os parentes, e inculcando aos mesmos naturaes as muitas e grandes conveniencias de que gosavão no poder e administração dos Missionarios, pelo bom trato que debaixo do seu amparo experimentavão dos portuguezes, muito principalmente do Governador, que bem o havia mostra-

(1) Escreveu a *Arte de Grammatica da Lingua Geral dos Indios do Brazil*, que foi publicada em Lisbôa, seguida de um vocabulario intitulado – *Diccionario Brazileiro.*

«No meu pensar, diz Couto de Magalhães, o padre Figueira não conheceu profundamente a lingua quanto o padre Montoya; comtudo, na grammatica propriamente dita, isto é, na philosophia da lingua, me parece que elle é superior ao dito padre Montoya.» *O Selvagem do Brazil*, Parte 2.ª, pag. 61.

do no exemplar castigo que tinha dado a Pedro Coelho, como autor principal dos seus grandes aggravos.» (1)

A' custa e por conta do Real Erario apenas traziam miudezas, missangas e algumas ferramentas, para mimosearem e agradarem aos indios.

A 20 de Janeiro de 1607 (2), dia de S. Sebastião, os dois Missionarios partiram do Recife ao seu destino em um barco, que ia carregar nas salinas de Mossoró (3).

Completavam a comitiva 40 indios (4), todos *petiguáres* (5) do Rio Grande do Norte, *tobajáras* (6) da

---

(1) Padre José de Moraes, obr. e log. citados.

(2) Varnhagen, obr. e log. citados, e Candido Mendes citado, pag. 456, Nota 2.ª, dão essa data; mas Catunda, Obr. e log. citados, a dá em Junho, talvez erro typographico; pois João Brigido, *Res. Chron. da Hist. do Ceará*, pag. 4, tambem dá a partida a 11 de Janeiro, como Araripe, obr. cit: mas no seu *Res. da Historia do Ceará*, pag. 12, já a dá a 20 de Janeiro.

Capistrano de Abreu disse-me em Carta de 28 de Maio de 1884, que ia publicar na *Gazeta Litteraria*, do Rio, a Carta do Capitão-mor Alexandre de Moura, fixando o dia da partida dos padres; mas, cessando a publicação da *Gazeta*, deixou de ser publicada dita Carta.

(3) O Padre José de Moraes e Araripe dão *Jaguaribe*, em vez de *Mossoró*, mas por engano, como se deprehende da propria narração de ambos. João Brigido, *Res. Chron.* falla tambem em *Jaguaribe*; mas no *Res. da Hist.* rectifica o engano.

(4) J. Brigido diz que da comitiva faziam tambem parte portuguezes; mas não li isto em chronista algum. Todos fallam somente em 40 indios, excepto Beauchamp, que falla em 75, mas sem fundamento.

(5) Outros escrevem arbitrariamente potiguarés, potiguáras ou potagoares: uma e a mesma raça de indios, que habitava desde Pernambuco até Piauhy, e ainda alem, como quer Abreu e Lima, *Sinopsis Chronologica da Historia do Brazil*, Nota 1.ª á pag. 52.—Significa – *senhor do fumo ou do tabaco*.

(6) Escreve-se geralmente *tabajaras—senhores da aldéa*; mas a verdadeira orthographia é – *tobajaras—senhores do vasto*, e livremente — *senhores do litoral ou fronteiros*, conforme os padres Simão de Vasconcellos, José de Moraes, e Antonio Vieira, o maior mestre da lingua.—Gonçalves Dias, que em

serra da Ibiapaba, e *tupinambás* (1) do Maranhão, dos que havião sido captivados, tudo na conformidade das *Instrucções* citadas.

O primeiro porto, em que tocaram, foi a fortaleza do Rio Grande do Norte. Recebeu-os com respeitosa affabilidade o commandante Jeronymo de Albuquerque, pasmo de vêl-os atirarem-se á tão arrojada empreza desajudados totalmente de força publica, e mais ainda de ouvil-os recusar qualquer auxilio official; porquanto, vindo entregues á Providencia Divina, seria descrer da sua religião, confiar mais nas forças humanas do que nas divinas!

As suas unicas armas eram seus bordões, e sol-

---

nota aos seus *Cantos*, escreve *tabajaras*, no seu *Dic. Tupy, e Brazil e Oceania*, pag. 14, passou a escrever *tobajaras*, mas com a significação de *cunhados*, com que não me posso conformar. Catunda escreve *tabajarras* contra os preceitos e indole da lingua, que não admitte consoantes dobradas, nem mesmo o—*s*, que corresponde ao—*c* cedilhado, e de que não se usa, porque a lingua em geral repelle o sibillo que lhe é proprio. O—*r*—tambem não só não se dobra, como tem invariavelmente o som brando, como em *querer*, quasi confundindo-se com o do—*l*. Couto Magalhães citado, Parte 1.ª, pags. 1.ª e 15: Faria, *Compendio da Lingua Brazilica*, pag. 2, e outros.

(1) E' uma das palavras indigenas de mais difficil interpretação ou traducção. Provam-no as que deu Baptista Caetano:—*Gente da terra. Ensaios de Sciencias*, Tom. 1.º, pag. 14, e Tom. 2.º, pag. 7:—*O que está firme na terra, o esforçado da terra*, corrupção de *ibi* terra, e *ambae* o que está firme, donde *tubib* chefe dos paes, cacique, e *abá* varão, *tupinambá*—gente dos chefes dos paes; podendo tambem provir de *tubibi—yarabae* ou *tubibi-y-ang-bae* os descendentes dos primeiros paes ou primeiro pae; ou de algum composto de *tupe* em casa, ou de *tupi-i-ambae* no interior da casa, os que estão quiétos—*Vocabulario das Palavras Guaranys*, pags. 30, 540, 545 e 546. Pode ainda ser—*tub-yba-i-mbya*, e a porposição—*i*, que rege *tubiba*; ou então—*ri*, que por euphonia pode tornar-se—*ni*, e deste modo—*tub-ybi-ni-mbya*, que quer dizer—a gente attinente ou adherente ao chefe dos paes ou aos chefes principaes. Diz Victor Hugo—que os beirões de Finisterra falam a mesma lingua dos tupinambás de Cornouailles—*Noventa e Tres*, pag. 130.

dados os indios, que lhes promettiam leval-os ás invias aldêas dos seus conterraneos.

Da fortaleza seguiram para Mossoró, onde desembarcaram, procurando pela costa, para se refrigerarem mais, com a brisa, dos ardores do sol,—o caminho por onde Pedro Coêlho viéra ao Ceará.

Os padres caminhavam a pé, diz José de Moraes, sem mais victualhas que o altar portatil carregado por dois indios, algum vinho, hostias, cêra e um pouco de farinha de páu, usual sustento da terra, repartida pelas mochilas dos companheiros; sem mais outra vianda do que peixes e carangueijos que as deligencias dos indios apanhavam por aquellas praias. Serviam-se de umas roupetas curtas, para lhes ficarem mais desembaraçados os passos; umas escalavinas de coiro, como as que trazem os romeiros de S. Thiago, um bordão na mão e um Santo-Christo ao peito; mas, porque os charcos, pedras e lodo por onde precisamente haviam de passar eram muitos, se viram obrigados a caminharem descalços logo nos primeiros dias, por se lhes terem estragado os sapatos (1).

Onde lhes anoitecia ahi era sua estalagem, sem mais abrigo do que o que lhes prestavam o céo e o sereno, a que de ordinario ficavam expostos, quando não encontravam arvores ou matos onde armarem as redes; porque então dormião no chão, por cima da arêia, em que muitas vezes acordavam sepultados pela grande quantidade, que de uma e outra parte levantavam os fortissimos ventos da costa. Entretanto caminhavam alegres e satisfeitos, como si fossem divertir-se em alguma festa! Esta angelica

---

(1) Entretanto Varnhagen, obr. e log. citados, diz que eram conduzidos pelos indios em redes e tipóias. Catunda repete a mesma versão; mas Araripe, seguindo ao padre José de Moraes, confirma que caminhavam a pé; o que é mais provavel.

disposição de espirito faz lembrar a de Ladisláu Miceno, no meio das maiores vexações, cantando para o seu bom amigo conde da Moravia:

*—Si de Deus é que nasce todo bem,*
*A alegria que tenho donde vem?* (1)

Até que afinal chegaram ao logar que Soares Moreno havia abandonado. Esse logar é a actual cidade da Fortaleza (2).

Foram, felizmente, esses os primeiros sacerdotes que pizaram o solo cearense, tão dignos ministros de Christo, que de si guarda a tradição, embora pouco divulgada, mas não contestada, a mais veneranda memoria, que as palmas do martyrio acabaram de santificar. A terra, onde ainda não haviam amanhecido as luzes do Evangelho, precisava de ser regada com sangue tão precioso, para fazer brotar os fructos sazonados, que ainda hoje colhemos e saboreamos com fervor religioso.

Ahi (3) encontraram-se com o *Cacique* (4) ou Principal *Amanay* (5) que, como Jeronymo de Albuquerque, acolheu-os com toda a affabilidade e confiança, condignas do seu gentilismo, admirado de vêl-

(1) Padre Theodoro de Almeida, *Miceno ou o Feliz independente do mundo e da fortuna.*

(2) Padre José de Moraes, *Hist.* citada, Cap. IV, e Araripe, idem, pag. 82.

(3) J. Brigido, *Res. da Hist. do Ceará* citada, pag. 12, diz que esse encontro foi no Mucuripe; mas não é isto o que dizem o padre José de Moraes e Araripe, como se pode ver nas suas obras e logares citados. O encontro deu-se precisamente no sitio abandonado por Soares Moreno, e que é a actual cidade da Fortaleza.

(4) Quer dizer—*o que governa todos*; de *car* obrigar, governar, o *eic* todos.

(5) Quer dizer *Algodão*, nome por que este Principal é chamado em varias Chronicas. J. Brigido o dá da nação *tapuya*, mas é *petiguar*, da nação *tupica*, como dizem o padre José Moraes, Candido Mendes e Araripe.

os tão humildes e penitentes nos habitos, contentes nos semblantes, armados apenas com seus bordões e acompanhados tão somente dos seus conterraneos, muitos destes parentes e amigos.

Levou-os logo para sua cabana, onde fez reunir todos os outros Principaes, conforme os usos e costumes, de que frei Santa Rita Durão nos dá uma ideia na recepção de Diogo Alves Corrêa, o *Caramurú*, pelo Cacique *Cupeva:*

*No logar da cabana em que descança,*
*Menos da gente e multidão confuso,*
*Póe-lhe a rede Cupeva, que o convida*
*De rica e molle pluma entretecida.*

. . . . . .

*Mas eis que um grande numero o rodeia.*
*De implumados, feissimos selvagens:*
*Ouve-se a casa de clamores cheia,*
*Por ter visto as horrificas passagens.*
*Mas—mair ma apadú* (1), *de longe explicam,*
*E— bem vindo o estrangeiro—significam.*

---

(1) Apreciando esta maneira de recepção do epico brazileiro, diz Baptista Caetano:—«*Mair ma opadú* não parecem significar—*bemvindo o estrangeiro*—litterariamente, por mais que se torçam as lettras. No meu ver pode-se interpretar o trecho acima de dous modos, respeitando a lei da troca dos sons —*mair ma apé tú*, o estrangeiro oh ahi vem ou veio. A troca de um *a* surdo por *e* é facilima, e as explosivas dentaes—*t* e *d*—em todas as linguas trocam-se frequentemente. A segunda interpretação de phrase requer contracção de sons: *maé-ra-ma-ipendú?* Para que fim viestes vós?» Candido Mendes, *Notas para a Historia Patria*, na Revista *do Instituto Historico* do Rio, de 1878, Nota 24 á pag. 89. Neste mesmo logar o sabio maranhense addita o seguinte:—«Em vez de—*mair má apandú*, de Durão, talvez seja—*mair cubé catú*, modo por que as boas vindas eram geralmente expressadas pelos indigenas.»

Outros dão cerimonial mais ou menos differente na recepção do hospede, como se pode ver em Claudio de Abbeville, *Historia da Missão dos Capuchinhos na Ilha do Maranhão*, Cap, 15, pag. 97; João de Lery, *Historia de uma Viagem ao Norte do Brazil durante os annos* de 1613 e 1614, Cap. 50.

Poêma *Caramurú*, Cant. 2, Ests. 60 e 70.

Apresentou-os a elles como se fossem os mesmos *Abunas* (1), de quem fallavam os seus antepassados da Bahia; isto é, os Nobregas, Anchietas e outros bemfeitores da sua nação e raça.

## III

Aproveitando-se de tão propicio ensejo, Pinto dirigiu a palavra a tão selecto audictorio, porque alli estava reunido o que, em linguagem civilisada, se poderia chamar a *elite* d'aquelles selvagens.

Com sua proverbial pericia fallou-lhes da sua santa missão, toda de verdade e amor, principalmente em bem delles, a quem desejava instruîr na doutrina da Religião de Jesus Christo, não só para a salvação das almas delles, como para a paz e tranquillidade em suas terras, vivendo em boa amisade com os colonos, de quem receberiam ferramentas para suas plantações, panno para se vestirem e não andarem nús como as feras nos matos, e outros muitos objectos, cujo prestimo o tempo e a experiencia lhes mostrariam.

Fallou-lhes igualmente do quanto elles haviam soffrido da primeira expedição, pelo que era muito natural que estivessem profundamente resentidos; mas que por taes violencias só podiam ser responsaveis os proprios autores dellas, que aliás já haviam sido severamente punidos, do que poderiam dar testemunho seus parentes e amigos presentes, bem como do bom tratamento que receberam dos colonos, especialmente do Governador, em Pernambuco, onde todos,

(1) Nome por que os indigenas conheciam os jesuitas. Quer dizer—*vestido preto*, que traziam. Aos padres de S. Antonio chamavam *Tucura*—gafanhoto, pela semelhança do capuz destes frades com o gafanhoto—Vide G. Dias. *Dic. Tupy*, verbo *Pay*.

fiéis vassallos de El-Rei, só nutriam o desejo de fazel-os seus amigos sinceros e não escravos.

Concluiu a oração, convidando-os a se aldearem no proprio interesse, deixando a vida nomada e bellicosa, que levavam em liberdade quasi bestial, sem nenhum outro resultado mais do que fazel-os fracos e desgraçados para sempre, quando era vontade decidida do seu Soberano que fossem poderosos e felizes em paz e concordia com os seus subditos. Era a mesma linguagem franca e eloquente que, mais de um seculo depois, Basilio da Gama repetia no seu poema *Uruguay, Cant.* 2.º, *vers.* 123, por boca do general Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella:

*Fez-vos livres o céo, mas si o ser livres*
*Era viver errantes è despersos,*
*Sem companheiros, sem amigos, sempre*
*Com as armas na mão em dura guerra,*
*Ter por justiça a força e, pelos bosques,*
*Viver do accaso; eu julgo que inda fôra*
*Melhor a escravidão que a liberdade!*
*Mas nem a escravidão nem a miseria*
*Quer o benigno Rei que o fructo seja*
*Da sua protecção.....*

Por fim, Pinto distribuiu por todos os selvagens —mimos consistentes em facas, foices, machados, tesoiras, espelhos, missangas, miudezas e alguns vestuarios, afim de incutir-lhes mais confiança e provar-lhes mais amisade; pois já Homero dizia que os presentes agradam aos proprios deuses.

A chuva copiosa não podia penetrar no seio da terra virgem mais do que as palavras ungidas de fé e de doçura do orador sagrado no intimo d'aquellas almas de selvagens!

Tudo no Missionario impressionára-lhes agradavelmente, desde seus gestos, porte, voz, maneiras e

trato, até suas vestes humildes; mais, porém, do que tudo—ouvirem-no fallar perfeitamente a sua lingua! Por outro lado, os indios companheiros de viagem, com a maior insuspeição e competencia, confirmavam todas aquellas proposições, exaltando tambem as virtudes dos padres, assim como a bondade dos portuguezes para com elles; de modo que, como fôra previsto, iniciou-se a catechese, n'aquellas paragens, da forma mais breve, espontanea, pacifica e duradoura.

Nenhum dos Principaes poz a minima duvida em abraçar, desde logo, o Catholicismo, vendo-o tão bem representado nesses *abaetés* (1). Todos dispozeram-se a mudar de suas *tabas* (2) com todas as suas *malócas* (3) e *tejupáres* (4) para aldêas apropriadas, sob a direcção dos padres.

Ahi mesmo levantaram uma capella, com cruzeiro, e a população aborigene foi distribuida convenientemente pela aldêa que tomou o nome de *Ceará* (5), substituido mais tarde pelo de *Fortaleza* (6), capital da Colonia.

A' pequena distancia foram igualmente estabele-

---

(1) Significa—*varão illustre*: de *abá* varão, homem, e *ete* superlativo das cousas incorporeas ou invisiveis—boas.

(2) Significa—*aldea natal*, contracção de *tama* patria, e *úba* desinencia que indica o logar onde.

(3) Significa—*casa de gente, corruptela* de *morá* gente, e de *ïca* casa. Eram essas as melhores casas das tabas. Perdida depois a significação etymologica, deram-lhe a de multidão e até de aldêa.

(4) Significa *morada de gente reles*, como actualmente as casas de palha—Corrupiela de *tejí* gentalha, e *upab* morada. Eram as peiores casas.

(5) Vide a etymologia e o desenvolvimento que dei no meu *Vocabulario Indigena em uso no Ceará*, nesta *Revista*, Tom 1.º pag. 263.

(6) Este nome é moderno, proveio da importancia adquirida pela Fortaleza, que fez esquecer o primitivo, passando á toda a Capitania e depois á Provincia. Vide Candido Mendes, *Mem.* citada, *Introd.* Nota 1.ª á pag. 15.

cidas as aldêas ou missões de *Porangaba* (1), de *Paupina* (2) e de *Caucáia* (3).

---

(1) Quer dizer *belleza*. Pompêo escreve *Parangaba*; mas Candido Mendes, com a mesma orthographia, dá-lhe a significação do *padrinho*, allusão ao padre Luiz Figueira; porém sem fundamento, como elle mesmo reconhece depois. O Governador Barba Alardo, na sua *Memoria sobre a Capitania do Ceará*, publicada na *Revista do Instituto Historico, do Rio, 1871*, pag. 262, dá-lhe uma significação ainda menos acceitavel:—«*Agua que se parece com cunhã bonita*». E' apenas o nome de uma cunhã, que deu-o á lagoa desse sitio, e mais tarde a um poemeto de Juvenal Galeno. A aldêa passou depois á Villa e freguezia com o nome de *Arronches*, uma villa de Leiria, em Portugal, cantada por Camões, *Lusiadas*, Cant. 3.°, Est. 55, e Cant. 8, Est. 19.

(2) Parece que Pompêo, *Dic. Top.*, verbo *Mecejana*, e *Ens. Est.*, Tom 2.°, pag. 273, faz provir esse nome da tribu *paupina*, que alli se aldêou; mas a tribu, que primeiro povôou essa aldêa, já tendo esta o mesmo nome, foi a dos *petiguáres*, como com rasão assevéra Candido Mendes, *Mem.* citada, Nota 2.ª á pag. 467. Neste mesmo logar este erudito autor diz que *Paupina* é corruptela de *Pai-Pina*, nome por que os indios conheciam o padre Pinto, cujos ossos foram ahi sepultados. Que esta origem, porem, não é a verdadeira, é o proprio autor quem o confessa, como veremos ao diante em *Nota* a este mesmo trabalho. O Governador Barba Alardo ainda na sua citada *Mem.*, pag. 293, escreve – *Pará-páo-pinna*, e traduz por —*Lagoa grande redonda com páos lisos em roda*: o que é de todo o ponto inacceitavel; pois, alem do mais, a lagoa *Paupina*, insignificante, como é e a chama Pompêo no seu *Dic. Top.*, não podia merecer dos indigenas o incabivel qualificativo de *Pará* mar. Mas o nome *Pará-páo-pinna* faz reportar ás primitivas orthographia e origem, que devem ser -*paracáu* —papagaio, e *pina* listrado, por ampliação —*papagaio contrafeito*, talvez nome de algum cacique, que deu-o á lagoa, como a cunhã *Porangaba* deu tambem o seu á lagoa da aldêa visinha. No dominio colonial—*paracáu* corrompeu-se em *parapáu*, mudado o *c* em *p*, por mais euphonico ao ouvido civilisado; e por fim, cahidas as syllabas primordiaes—*pará*, ficou a ultima formando com o nome seguinte—*paupina*, dicção aportuguezada, euphonica e abreviada, conforme o uso dos colonos. Passou depois *Paupina* á villa e freguezia com a denominação de—*Villa Real de Mecejana da America*, nome de um logar limitrophe de Portugal com a Hespanha. Vide o meu *Vocabulario citado* verbo *Mecejana*.

(3) Quer dizer *mato queimado*, de *cau* mato e *cáia* quei-

Tudo marchava em geral contentamento dos naturaes e não menos dos padres que, na conversão e felicidade dos selvagens, punham o maior empenho e satisfação.

Perfeitamente encaminhadas as cousas em poucos dias, era-lhes forçoso proseguir na viagem para a Ibiapaba.

Aos indios não podia ser dada peior noticia. Todos os esforços envidaram debalde para que se demorasse a partida; mas, tristes e chorosos, tiveram de ceder depois de obterem a certeza de que os padres voltariam o mais breve possivel.

E' nos aborigenes um dos sentimentos mais profundos e sinceros o da amisade, já proclamado pelo visconde de Chateaubriand no seu *Natchez*. Uma vez formado o laço torna-se indissoluvel a alliança, que resiste tanto á prosperidade como á desgraça. Cada homem torna-se duplice; porque como que vive com duas almas. Si um perece, o outro não tarda a desapparecer tambem.

Partiram afinal os missionarios igualmente pezarosos de se separarem de tão bons amigos, a quem já amavam com affectos reciprocos de ternura de paes espirituaes. Acompanhavam-nos apenas alguns tobajáras, tupinambás e um petiguar, que não quiz por força alguma deixal-os.

Seguiram pela costa até á enseada de *Parna-*

---

mado, ou livremente—*bem queimado está o mato*, como traduz o mesmo Barba Alardo, *Mem. citada*, pag. 262.—Candido Mendes *Mem. citada*, traduz por *vinho queimado*, talvez *aguardente*; mas esta traducção não é acceitavel; pois em todos os diccionarios da lingua tupy—aguardente é *cauin-tátá* vinho fogo. Accresce que aguardente só foi conhecida dos indios depois da colonisação portugueza, antes muito da qual já existia *Caucáia*. Foi elevada á villa com a denominação de *Soure*, nome de uma antiga freguezia e villa do bispado de Coimbra, e de uma Ordem honorifica, em Portugal, dos *Moinhos de Soure*.

*mirim* (1) onde, fatigados, tiveram de descançar para recobrarem forças; pois d'ahi em diante começava para elles a mais penosa das jornadas.

Tomaram depois o rumo do sertão. O padre Pinto, já velho, ia carregado pelos indios em *tipóia* (2) *Erat autem senex et Dominus in cunctis benedixerat* (*Genes.* Cap. 24, Vers. 1.º). O padre Figueira, muito moço ainda, caminhava a pé.

Começava por esse tempo o inverno com rigor; mas, si tinham agua em abundancia, faltava-lhes fogo, para se aquecerem quando molhados; porque por aquellas travessias, e debaixo de taes aguaceiros, os indios não encontravam páus sufficientemente sêccos, para fazerem lume pelo attrito, um no outro, conforme o uso delles (3).

---

(1) Quer dizer—*Rio pequeno*, contracção de *paraná* rio, e *mirim*, pequeno. Mas em geral é o canal do rio grande que fica apertado entre ilhas. Couto Magalhães, *O Selv.* citado, Part. 1.ª, pag. 7; ou—o canal que entra outra vez no mesmo rio donde partiu. Walppœus, *O Brazil Geographico e Historico*, Edic. condensada de Capistrano de Abreu e Valle Cabral, 1884, Nota 1.ª á pag. 67. E' o mesmo *Parasinho* (má versão de outro vocabulo já traduzido para o portuguez, o diminutivo *mirim*), pequena enseada ao norte da barra do rio Ceará, onde abrigam-se canoas e jangadas de pescadores. Pompêo, *Dic. Top.*—Chamam-no tambem vulgarmente. *Paracombuco*, pela forma de uma *combuca*, que toma a enseada.

(2) Varnhagen, *Hist.* citada, Tom. 1.º, Notas, pag. 458, e Lacerda, *Dic. da Ling. Port.* pensam que é vocabulo africano; mas Baptista Caetano, *Vocab.* citado, pags. 359 e 547, diz que é guarani, corruptela de *tupoi, tupai, tupói*—o que pende das côxas, do quadril, roupa pendente, camisa, saia, vestido, rede de cobrir. Está de accordo Braz Rubim, *Vocabulos Indigenas e outros introduzidos no uso vulgar*, na *Revista do Inst. Hist. do Rio*, Tom. 45, pag. 886.

(3) Julio Verne, *Ilha Misteriosa*, e *Escola dos Robinsons*, pags. 104, 105 e 122, diz que isso não passa de invenções da imaginação de selvagens para enganar ao pobre mundo! Entretanto, o facto é verdadeiro, conhecido desde a mais remota antiguidade, por autoridades respeitaveis e até hoje pelos nossos sertanejos, que pelo mesmo processo tiram fogo tambem. —Os indianistas vêem na palavra *Prometheos* o equivalente

Assim, sem roupa para mudarem, nem onde se abrigarem, supportavam resignados grandes temporaes, ora por caminhos terriveis abertos a braços, ora parados por não poderem penetrar na espessa mata virgem.

---

de uma forma sankhrita *pramathyus*, derivada da palavra *pramantha*, que quer dizer - *aquelle que obtem fogo pelo attrito*. Esta interpretação faz-nos remontar ao processo primitivo, ao qual, como é verosimil, deram os homens a descoberta do fogo, e ainda hoje usado na India para accender o lume ao sacrificio. Barão do Paranapiacaba, *Traducção das Fabulas* de La Fontaine, Vol. 2.º, Nota 8 á pag. 82.

—Entre os povos aricos a reproducção do fogo celeste no altar, por meio de uma faisca, era o objecto da adoração do Agni (*ignis* o fogo). A pequena scntelha *produzida pelo attrito de dois páos*, é nos Vedas denominada *menino*. Burnouf. *La Science des Réligions*, pag. 204.

—Para fazer fogo os indios servem-se de uma especie de madeira chamada *urahuiba*, a qual secam, e depois tomam dous pedaços da grossura de um dêdo, *esfregam um no outro; o pó escapa-se pelo calor produzido pela fricção; e assim accendem fogo*. Hans Staden. *Relação Viridica e Sucinta dos usos e costumes dos tupinanbás entre os quaes estive presioneiro*, etc. Traducção de T. de Alencar Araripe, na Rev. do *Inst. Hist.* do Rio, Tom. 55, pag. 325.

*—Era costume do selvagem rude*
*Rossar um lenho n'outro com tal geito,*
*Que vinha por electrica virtude*
*A accender o lume, mas com tardo effeito.*
*Mas observando, sem que o lenho o ajude,*
*Em menos de um momento o fogo feito.*
*O mesmo imaginou, que a Grecia crêu,*
*Quando viu ferir o fogo a Prometheu.*

Durão, *Caramurú*, C. 2, E. 25.

*—Lá como é uso do paiz, roçando*
*Dous lenhos entre si desperta a chamma*
*Que já se ateia nas ligeiras folhas*
*E ligeiramente se apaga.*

Bazilio da Gama, *Uruguay*, C. 3, V. 103 (Morte do Cacambo).

Nem alimentação tinhão abundante; pois poucos eram os viveres que levavam, e difficil e rara a caça de pelle como a do penna. O que, porém, havia em abundancia era onças e cobras venenosas, que já tinham matado um indio da comitiva, e tornavam o trajecto apenas praticavel a pequenas distancias e a longos intervallos.

Bem diz o conselheiro Bastos nas suas *Meditações*, que o sentimento religioso não é como os outros sentimentos, que diminuem ou se extinguem com o tempo, emmudecem á vista dos perigos, desapparecem em presença das desgraças: elle pelo contrario fortalece-se com o tempo, cresce com a idade, e na presença dos infortunios, nas crises mais arriscadas exerce a sua maior força, ostenta o seu maior poder. E' por isso que os maiores soffrimentos, longe de os amofinarem, cada vez mais robustecem os dois apostolos peregrinos, abrasados na fé em Christo e no bem á humanidade.

---

—Os selvagens das Ilhas do Mar do Sul *obtem o fogo por meio da fricção de dous pedaços de páu.* Lubbock, *L'Homme Prehistorique*, 1876, pag. 560.

—A sapucaya, cuja casca fornece estopa, que serve de isca aos indios *para fazer fogo mediante o attrito de dous páus.* Walppœus citado, pag. 248.

—Em poucas horas arranjava laços onde apanhava passarinhos; *accendia fogo com a fricção de dois ramos seccos*, e assava os prisioneiros na chamma de um brazeiro improvisado. Xavier de Montepin, *Os Ciganos da Regencia*, Tom. 1.º, pag. 325.

—Pois uns *pausinhos seccos esfregados concebem calor e levantam chamma*—Visconde de Castilho, *Conversação Preambular do D. Jayme*, de Thomaz Ribeiro, pag. 20.

—Elles procediam assim, porque só podiam obtel-o (o fogo) pelo *attrito* e por meio de um processo extremamente moroso e cansado. G. Dias, *Brazil e Oceania* (*Obras Posthumas*), Tom. 6.º, pag. 24.

—Destes processos primitivos ficaram vestigios nas cerimonias religiosas: a egreja catholica accendia lume novo no sabbado santo, ferindo *silices*: *Ignis de lapide excutitur, et eamus accenduntur carbones.* Liturgia, *apud.* Joly, *L'Homme avant les metaux*, Paris, 1879, pag. 202.

Por aquellas matas virgens e seculares quantos ponsamentos de philosophica tristeza não ensombrariam almas tão candidas e angelicas? Mais de seculo depois Chateaubriand traduzia-os de um modo inimitavel, em sublimes e harmoniosas Notas, na sua *Viagem á America*, hora por hora: —

TRES HORAS.

«Quem póde exprimir o que se sente entrando nessas florestas tão velhas como o mundo, e que ainda pódem dar uma idéa do que era a creação quando sahiu das mãos de Deus? O dia, projectando-se atravez da folhagem, espalha na profundeza da mata uma meia luz vacillante e mobil, que dá aos objectos uma grandeza phantastica. D'ahi a pouco a floresta torna-se mais sombria, a vista apenas distingue troncos, que se succedem uns aos outros, e que parecem unir-se alongando-se. A idéa do infinito apresenta-se ao meu espirito.

MEIA NOUTE.

«O fogo começava a se extinguir, o circulo de luz se retráe; uma calma sinistra pouza sobre as floresta: dir-se-ia que os silencios succedem aos silencios. Procuro debalde ouvir nesse tumulo universal algum rumor, que revele a vida. Donde vem este suspiro? De um dos meus companheiros: elle queixa-se mesmo dormindo. Tu vives, logo tu soffres: eis o homem.

UMA HORA.

«Eis o vento; desliza pelo cimo das arvores; agita-as, passando sobre minha cabeça. Agora como a vaga do mar que se quebra tristemente sobre o rochedo. Os murmurios acordam os murmurios. A floresta é uma harmonia. São os sons graves do orgão que eu ouço, emquanto sons mais ligeiros erravam nas abobadas das verduras. Um cúrto silencio succede.

A musica aérea recomeça; por toda a parte doces queixumes, rumores que encerram outros rumores; cada folha falla uma linguagem differente; cada raminho de relva modula uma nota diversa. Uma voz estrepitosa echôa; de todas as partes da floresta os morcegos, occultos sob as folhas, soltam cantos monotonos: julgo ouvir dobres de finados, ou triste reboar de um sino. Tudo nos inspira uma idéa da morte; porque esta idéa está no fundo da vida».

Pela Paschoa avistaram os padres a magestosa serra da Ibiapaba (1), para elles verdadeira Chanaan ou Terra da Promissão, tanto para se refazerem do necessario á subsistencia, como para tratarem da salvação de tantas almas—fim unico de tão perigosa jornada.

Mais mortos do que vivos, chegaram afinal ao derradeiro platô da serra depois de sete mezes da sua partida do Recife. Eram elles igualmente os primeiros padres que o galgavam, sem suppôr, mas tambem sem temer o padre Pinto que elle lhe viesse a servir de patibulo e tumulo, dentro em breve, victima d'aquelles mesmos, cuja felicidade procurava com os maiores sacrificios!

## IV

A Ibiapaba era povoada de muitas tribus *tapuyas* (2), que rendiam vassalagem aos tobajáras, doceis e

---

(1) E' um dos vocabulos indigenas que mais interpretações têm tido: mas a verdadeira é *terra talhada*, que lhe deu o padre Antonio Vieira na sua *Relação da Missão da Serra da Ibiapaba*, Cap. 8, pr. Com effeito, «do lado em que fica a costa é quasi inaccessivel: porque, cortada como a prumo, parece uma muralha, fabrica da natureza, e imperfeição da arte, tão alta que assombra as mesmas nuvens, e aos mesmos olhos tira a vista.» José de Moraes, *Hist.* citada, Cap. 4.º—Vide o meu *Vocabulario* citado, pag. 294.

(2) Litteralmente quer dizer—*fugidos da aldéa*, de *taba* aldéa, e de *puyr* fugir; e livremente—*gentio, inimigo, barba-*

trabalhadores, que cultivavam a mandióca, o milho e outros legumes (1).

Mandaram os padres alguns companheiros delles noticiar-lhes a chegada da expedição catechista e apresentar-lhes da sua parte seus *cubecatús* (2), acompanhados de presentes, tal como tinham procedido na aldêa do Ceará.

O expediente produziu o resultado desejado. Correram todos os Principaes tobajáras a encontral-os, e tão satisfeitos ficaram de vêl-os, sobretudo ao padre Pinto, tão respeitavel, doce e perito na lingua dos naturaes que, cheios da maior confiança, levaram-nos logo para a sua principal *taba*, onde recobraram animo e força para entrar logo no cultivo da vinha do Senhor, em cujo nome fallaram-lhes, encontrando-os nas melhores disposições de espirito; pelo que deram então começo á catechese, levantando capellas e cruzes, baptisando, confessando e doutrinando incessantemente nos templos e fora delles.

Era admiravel a unção religiosa com que esses selvicolas ouviam as praticas do angelico padre Pin-

---

ro. A principio *tapuya* era o termo com que se significava geralmente todo e qualquer individuo, ainda que procedente de raça diversa (Lisboa, *Apont. para a Hist. do Maranhão. Obras*. Tom. 2.º, pag. 198),—os proprios europêos em estado de guerra (G. Dias, *Braz.* e *Ocean.* citado, Nota 1.ª á pag 19), ou —os indios vencidos pela grande raça invasora, a dos tupinambás (Pinheiro Chagas, *A Virgem Guaraciába*, Nota 16.ª pag. 255). Hoje é termo admittido no portuguez, como se vê em todos os diccionarios da lingua, inclusive Moraes e Candido de Figueiredo. Diz-se *tapuyo* o homem gentio, e *tapuya* a mulher gentia. Doutor Martius. *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, Nota 2.ª á pag. 88. No Pará já é synonimo de *servo*:—pede-se, engaja-se um para seu *tapuyo* ou *tapuya*, conforme é homem ou mulher indigena. Doutor Amasonas. *Romance Historico do Alto Amasonas*, Nota 14—Candido de Figueiredo diz que é melhor orthographia—*tapuia*, para *m.* e *f.*

(1) Alphonse de Beauchamp, *Histoire du Brésil*, Tom. 1.º, pag. 44; Araripe, pags. 15 e 17; Catunda, pag. 54.

(2) Literalmente quer dizer—*vindas boca*; livremente—*lembranças, saudades, bons dias.*

to, cujo nome, por suprema expressão de affecto, corromperam logo em *Pai Pina*, appellido por que tornou-se conhecido entre elles. Si o ouviam, melhor praticavam o que lhes recommendava, observando restrictamente, com mulheres e filhos, todos os preceitos e mandamentos da lei de Deus (1).

Fazia, porem, excepção da regra, como a noite do dia, uma tribu tapuya, rebelde de industria ao que dizia respeito ao Christianismo e aos seus ministros, chamada *tocariji* (2); vivendo isoladamente e desconfiada, como si fôra preciso no meio de juizes severos.

Industriados por satanaz, que se gaba de ser logico—*Ed io son logico* (3), os seus *la-*

---

(1) Claudio de Abbeville cit., Cap. 12. Pag. 80, chama á essa aldêa—*Araremba*, que deve ser corruptela de—*Iraroma* —Mel falso, parallelo a *Irapuan* —Mel—redondo, nome de um dos caciques que dominavam as tribus da Ibiapaba.

Diz o padre André de Barros que «na em que entraram os Jesuitas na Viçosa, junto da casa onde estavam, ouvio-se um grande estrondo que abalou os penhascos da serra. Foi o signal da retirada do demonio, que alli era visto pelos indios em figura medonha e afogueada (*Vida apostolica do padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus*, Liv. 1.º, Pag. 176).

(2) Padre A. Vieira, *Rel. da Mis.* cit., Cap. V.

O Dr. Pedro Theberge, *Esbogo Historico sobre a Provincia do Ceará, Parte 2.*, escreve—*tacariji*, visivelmente erro typographico; mas todos os outros escrevem *tucariji*, excepto o padre Antonio Vieira que escreve *tocariji*, orthographia que segui em homenagem á sua grande autoridade. Mas póde ser uma ou outra. Si *tucariji*, será corruptela de *taquara* e *ji* espinho, ponta: *ponta de taquara*. Si *tocariji*, significará—espinho escondido: de *tocari*, participio do verbo *toc-ar* encobrir, e *ji*: etymologia mais conforme com a indole perversamente refolhada e traiçoeira desses barbaros.

(3) Dante, *Divina Comedia, O Inferno*. O Mephistopheles de Gœthe é menos pedante, porém mais desabusado, dando contas deste mundo ao Padre Eterno:

*. . . . . Eu, rhetoricas sublimes,*
*á cousa que não gosto, e mesmo escuso*
*deste augusto congresso expor-me ás vaias,*
*C'o o meu pathos—tu proprio te ririas,*

*gés* (1) viviam constantemente a leventar objecções aos padres, manifestamente denunciantes do estado de rebeldia de seus espiritos á divina doutrina de Jesus Christo.

Um, por exemplo, objectava, que só se baptisaria quando Deus encarnasse outra vez em uma donzella tapuya, para remir a sua raça; pois da primeira tinha encarnado em uma branca, para remir a raça branca. Outro—que Deus havia ainda de dar uma volta ao mundo subindo a terra, e descendo o céo, para os indios poderem dominar, como os brancos dominavam agora. Outro finalmente, a quem se fallára das penas do inferno, a que ficaria sugeito, como os judêus, si não se emendasse, respondeu—*Mande ao inferno os judêos que mataram a Jesus Christa, e não a nós que não lhe fizemos mal nenhum. Porque nos manda para o inferno sem rasão?*

Na veneração dos templos não eram menos impenitentes. Chamavam a igreja—*igreja de moanga* (2).

---

*a não teres perdido esse costume.*
*Sei cá palavriar de sóes! de mundos!*
*Toda a minha sabença é perder homens.*

(*Fausto*, Tradueção do visconde de Castilho, Pag. 17).

As tribus da Ibiapaba obedeciam tambem ao cacique *Taguaybuuuçú* (como escreve o padre Antonio Vieira (ou *Juruparigiuaçú* (como se escreve geralmente), literariamente—*Boca torta grande*, e livremente—*Diabo grande* ou *Gão diabo*, alliado sincero dos francezes.

(1) Literalmente quer dizer—*o que diz o fim;* livremente—*sacerdote, propheta, feiticeiro, curandeiro.*

(2) Da corruptela desse vocabulo, que se encontra na *Rel. da Mis.* éit. do padre Antonio Vieira, Cap. 13, é que proveio *moamba*, vocabulo que se tornou muito vulgar e celébre entre os retirantes da secca do Ceará de 1877 á 1879, com a significação de *velhacaria.*

Em Ivens e Capello, *Viagens de Benguéla á Terra de Jáca*, Vol. 1.º, Pags. 11 e 69, vem a estampa de uma especie de cesta comprida, usada n'Africa pelos naturaes para suas viagens, como a nossa maca, chamada—*Ma-kamba*; mas não é nem póde ser neste sentido innocente que se deve tomar

que quer dizer—*igreja falsa*, e a doutrina della—*moranduba dos abarés*; isto é, patranhas dos padres (1).

Dotados, todavia, de uma paciencia evangelica, os missionarios ainda não tinham perdido a esperança de tirar agua pura dessas rochas vivas; mas precisavam de mais tempo, unico recurso que lhes faltava empregar e de que esperavam bom resultado.

Faziam, porém, já cinco mezes que se achavam missionando na serra, e maior demora contrariaria assás seus formados designios de estarem na ilha do Maranhão em prazo certo e breve. Já deviam, portanto, partir, bem podendo dizer como o inspirado Anchieta pela bocca do poeta fluminense:

. . . . . *Não tarda o dia*
*Que estes amplos sertões, estes desertos*
*Se cobrirão de granjas e herdades,*
*De ferteis plantações. Um povo livre*
*Será senhor das terras planturosas,*
*Onde, pobres romeiros, levantámos*
*Nossas precarias, miseraveis tendas.*
*Não importa! Lançámos, os primeiros,*
*A semente da fé por estes ermos!*
*Hasteámos o labaro divino,*
*Sobre estes verdes montes conquistámos,*
*Em nome de Jesus, estes desertos,*
*E o deserto maior das consciencias*
*Desta raça feliz!* (2)

Resolveram, portanto, partir, deixando aos seos neophitos tobajáras as recommendações que seu zê-

---

o vocabulo do uso cearense. Candido de Figueiredo já traz tambem *muamba*, no seu *Novo Diccionario da Lingua Portugueza*, com a significação de—velhacaria, compra e venda de objectos furtados, ao norte do Brasil.

(1) Padre A. Vieira, *Rel. da Mis.* cit., Cap. 13 e Alphonse de Beauchamp, *Histoire du Brésil* cit., Tom. 1.°, Pag. 44.

(2) Fagundes Varella, *Anchieta ou o Evangelho da Selva*, Cap. X, Pag. 332.—

lo religioso lhes ditava: aos malvados tocarijús mandaram suas despedidas com um presente de miudezas conduzido por dois indios de sua comitiva; e seguiram viagem com mais oito—tupinambás, tobajáras e o petiguar que os acompanhava desde o Ceará—todos seus fervorosos cathecumenos.

O presente entretanto foi, contra a expectativa, o toque de rebate entre esses malvados e ambiciosos selvicolas, ou antes a faisca chegada á polvora!

Convenceram-se, pelo que receberam, que os padres se retiravam com muitas cousas; e decidiram-se, por isso, desde logo, a matal-os para roubal-os, começando de matar alli mesmo um dos indios portadores, deixando com vida o outro emquanto lhes servisse de guia até á poisada dos padres, que elles ignoravam.

Os padres ha dois dias andavam de viagem, mas viagens pequenas, porque a idade avançada do padre Pinto e os pessimos caminhos, que atravessavam, não lhes permittiam maiores; de modo que ainda estavam á pouca distancia da aldêa, hoje cidade da Viçosa.

Raiava o sempre memoravel dia 11 de Janeiro de 1608, no qual executou-se n'aquellas selvas uma das tragedias mais extraordinarias e sacrilegas da humanidade!

O padre Pinto, ao pé do altar portatil, estava-se revestindo ainda para celebrar o santo sacrificio da missa, e o padre Figueira, um pouco distante, resava seu breviario, quando assomam as hordas barbaras dos tocarijús, fazendo-se preceder de horrorosa *pocema* (1), urros medonhos—um dos signaes certos do rompimento de guerra entre elles.

---

(1) Literalmente—*bater de mão*; de *pó* mão e *cema* clamar, gritar, bater.. Livremente—*vozeria*, *algazarra*, com que já passou para os diccionarios da lingua portugueza, notadamente de Moraes e Candido de Figueirêdo. Era o signal infallivel de guerra ou de festa dos indios.

Então o sol alumiou n'aquellas brenhas a lucta mais desigual, e por isso mesmo mais heroica, que o céo consentiu; porque, como diz S. Agostinho, Deus é tão grande nos arcanos da sua Providencia que não permitte o mal sinão porque delle sabe derivar o bem. E a verdade só quer martyres para serves, porque só com o sangue d'alma é que ella os póde conquistar (1). S. Paulo disse-o, em sua Epistola aos Fiéis da Galicia—que ó Senhor escolhe seus martyres.

Cinco dos indios da comitiva, menos animosos, correram para o padre Figueira, e internaram-se com elle pelo mato a dentro, afim de salvarem essa vida preciosa que estava reservada a ter mais tarde, 28 annos depois, o mesmo martyrio que ia soffrer alli seu dilecto companheiro. Os tres, que ficaram, foram verdadeiros heróes, fazendo dos seus corpos verdadeiras fortalezas em defesa do seu estremecido *Pai Pina* contra tantos barbaros matadores!

*Bem podéras, ó Sol, da vista destes*
*Teus raios apartar áquelle dia,*
*Como da sera mesa de Thyestes,*
*Quando os filhos por mão de Atrêo comia* (2)

O fiel potiguar, de nome Pedro, cahiu primeiro que todos victima de muitas e mortaes feridas; o tupinambá, de nome Antonio, morreu após sete penetrantes golpes; por ultimo o tobajára *Igaçumirim* (3), vendo tudo perdido, investiu ainda mais desesperadamente contra os ferozes aggressores, gritando: *Não quero viver morrendo o meu padre!* e foi

(1) Didon, *Sciencia sem Deus*, traducção de D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro, Bispo de Lycopoles e Prelado de Moçambique, Cap. I, pr.

(2) Camões, *Lusiadas*, Cant. 3, Est. 133. Episodio da morte de Iguez de Castro.

(3) Significa — *Agua pouco quente ou morna.*

logo atravessado no peito por uma setta, que o prostrou quasi sem vida.

Não restava mais agora no campo da batalha sinão o manso cordeiro, já um tanto ferido, para ser immolado á furia canibal desses malvados! o que quer dizer que quasi nada mais lhes faltava fazer. Deram-lhe então na cabeça tres grandes golpes com um páu de *jucá* (1), despedaçando-lhe o queixo desde a orelha até á barba; e assim tiraram-lhe a vida; sendo preciso, diz o padre José de Moraes, tão larga porta para por ella poder sahir tão grande alma e aquelle mais que agigantado espirito ir gosar no céo, com a corôa de tão gloriosa morte, o merecido premio dos seus apostolicos trabalhos (2).

---

(1) Quer dizer—*matar*; porque com este durissimo páu era que elles de preferencia matavam suas victimas. Esse páu o padre Figueira levou-o, como reliquia, para a Bahia onde perdeu-se, em 1624, com outras reliquias, quando os hollandezes invadiram a cidade.

(2) Sem melhor fundamento, Varnhagen, na sua *Hist.* cit., Tom. 1.º, Pag. 315, descreve assim a morte do veneravel catechista: «Seguiram para o norte a pequenas jornadas, e pela Paschoa se avistaram com os Aldeados (Tabajáras) da Ibiapaba, alguns dos quaes com varios francezes se lhes uniram. Acaso estes mesmos afortunadamente, pois, ao que colligimos, trataram de desacreditar o ar de santidade que o padre Pinto, a quem os indios, segundo o testemunho de um escriptor veridico, uma vez deixaram cahir da rede n'um pantano, e faltaram a lhe acudir, quando ferido no ataque de uma flecha no pescoço, e dependurado por um pé, consentiram que os outros contrarios o acabassem de matar com um dardo ou páu de taquára».

Foram transcriptos aqui, no *Cearense*, n.º 45, de 28 de Abril de 1880, uns artigos da *Provincia do Pará*, sob a epigraphe—*Apontamentos Historicos—Expedição dos dois padres Jesuitas ao Ceará*—, os quaes dão tambem a morte do padre Pinto de modo differente, segundo seu autor, como Varnhagen, a Claudio de Aubeville cit., Cap 12.

Preferi a versão dos padres José de Moraes e Antonio Vieira, que estiveram na Ibiapaba, por mais conforme com a verdade historica, que faz plena justiça aos Tobajáras—leães cathecumenos dos Jesuitas e implacaveis vingadores da morte de seu idolatrado *Pai-Pina*.

Desta forma, onde o innocente cordeiro ia offerecer a Deus o sacrificio do corpo e sangue do Unigenito Filho, ahi mesmo offereceu seu proprio corpo e sangue (1), como tambem aconteceu a S. Thomaz de Cantuaria, assassinado no altar, onde celebrava, de ordem do impio Henrique VII da Inglaterra. *Suscipiat te Christus, qui vocavit te.* Tambem as suas ultimas palavras foram de perdão aos seus matadores: *Perdôae-lhes, Senhor, que elles não sabem o que fazem!* Voltaire, apezar da sua impiedade, põe igualmente na bocca do seu heróe Gusmão estas sublimes palavras, perdôando a Zamor, seu cruel e injusto assassino:

*Nossas diversas religiões contempla:*
*A tua te mandou assassinar-me,*
*Que te ame ordena a minha e te perdôe* (2).

«Quanta abnegação e sacrificio, exclama o vis-

---

Na mesma inexactidão cahe Pompêo, *Ens. Est.* cit., Tom. 2.°, Pag. 258, dando os tobajáras até por assassinos do padre Pinto, quando foram elles os vingadores do cruel assassinato! Si assim não fôra, não se comprehende que o grande Antonio Vieira se tivesse deixado illudir.

(1) Padre Antonio Vieira, *Rel. da Mis.* cit., Cap. I. Assim mesmo diz Beauchamp cit., Tom. 1.°, pag 40: «*Os tapuyas da Ibiapaba jamais nataram prisioneiro algum de guerra, e todo o inimigo que chegasse a por-se a seu abrigo em alguma de suas choupanas, estava salvo. Ainda não houve tapuya da Ibiapaba que violasse este sanctuario de benefica hospitalidade por mais justo que fosse seu resentimento!*»

E' precisamente o caso de dizer-se:—*Et voila comme on écrit l'histoire!*

[2] Tragedia *Alzira*, Traducção do visconde de Azevedo.

«O padre Pinto, diz o Dr, Antonio Henrique Leal, morreu em 1608, sendo companheiro de Anchieta desde o anno de 1582. Depois de muitos gloriosos trabalhos, depois de baptisar muitos milhares de almas, pereceo ás mãos dos indios em uma das suas entradas no sertão». *Apontamentos para a Historia dos Jesuitas no Brasil*, na *Rev. do Inst. Hist.*, do Rio. Tom. 31, pg. 19.

conde de Chateaubriand, ha na vida do missionario! Quando um homem, á vista de um povo inteiro, sob os olhos dos seus parentes e amigos, se expõe á morte por sua patria, troca alguns dias de vida por seculos de gloria: illustra sua familia e eleva-a ás riquezas e honras. Mas o missionario, cuja vida se consume no fundo dos bosques, que morre de uma morte cruel, sem espectadores, sem applausos, sem vantagem para os seus, obscuro, desprezado, tratado de louco, de absurdo, de fanatico, de tudo isto, para dar uma felicidade eterna a um desconhecido selvagem, com que deverá designar-se esta morte, este sacrificio?» (1)

Não menos importantissima é sua missão pelo lado civilisador e scientifico. Os missionarios cahem em bandos numerosos sobre as regiões novamente descobertas, civilisando os povos selvagens, estudando, descrevendo o paiz. O desenvolvimento do zêlo apostolico é um dos traços dominantes do seculo XVII; mas devemos tambem reconhecer tudo quanto a geographia e as sciencias historicas devem a esses homens dedicados, instruidos e modestos. O viajante não faz mais do que passar, o missionario permanece no paiz, e tem evidentemente muito mais facilidade para adquirir um conhecimento intimo da historia e da civilisação dos povos que estuda. E', pois, mui natural que lhe devamos narrações de viagens, descripções, historias ainda consultadas com proveito e que têm servido de base a trabalhos posteriores (2).

Os Jesuitas foram inquestionavelmente incomparaveis no zêlo apostolico, com que se empregaram na catechese dos indios. Trabalhos incomprehensiveis, cuidados aturadissimos e grande paciencia foram necessarios, para fazer o selvagem passar da

(1) *Genie du Christianisme*. Part. IV. Liv. IV, Cap. I.

(2) Julio Verne, *Historia das Grandes Viagens e dos Grandes Viajantes*, Pag. 211.

vida errante e agreste para o estado de civilisação. Este prodigio só podiam operar estes religiosos, que haviam adquirido ce to heroismo christão, e a difficil arte de fallar aos corações e animos ferozes em tal grau que jamais foram igualados. A santidade dos motivos, tirados da propria instituição, as virtudes manifestadas pelos Jesuitas, e o espirito de perseverança enraizada na sociedade jesuitica deram á essa associação força e vigor taes, que ella sobrepujou e eclipsou a quanto neste objecto fizeram as demais congregações religiosas no Brasil (1).

Pode-se dizer afoitamente que foi a Companhia de Jesus quem verdadeiramente fundou o Brasil. Tinham a força que resulta d'uma unidade completa, organisada com o fim expresso de conseguir uma certa e determinada coisa. Aquelles *squatters*, aquelles *pionniers* que Cooper nos desenha com tanta vivacidade, e que foram verdadeiramente os conquistadores para a civilisação da America do Norte, foram no Brasil os Jesuitas.

E' necessario que nos costumemos a encarar os homens e as instituições, collocando-nos no ponto de vista da época em que floresceram. No seculo XVI, na India e no Brasil, a Companhia de Jesus foi o grande elemento organisador, o verdadeiro instrumento da civilisação e do progresso (2).

---

(1) Visconde de S. Leopoldo, *Annaes da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul*, Pag. 107.

(2) Pinheiro Chagas, *Migalhas de Historia Portugueza— Informações e Fragmentos historicos do padre José de Anchieta*, Pag. 54.

O leitor, que acaba de conhecer os relevantissimos serviços da Companhia de Jesus no Ceará e fóra delle, celebrados por pennas insuspeitas e competentes, não desdenhará de lêr os seguintes importantes documentos ineditos, dos quaes consta a *extincção* dos Jesuitas na Capitania do Ceará, celebrada até com *Te-Deum*!

Ell-os:

—"O padre Francisco Xavier Marreiros da Silva, Presbytero do Habito de S. Pedro, Parocho da Igreja Matriz de

## V

Quanto ao angelico padre Francisco Pinto, devemos-lhe maxima estima e veneração, como aquel-

---

Nossa Senhora d'Assumpção da Villa da Fortaleza e Vigario Geral de toda esta Comarca do Ceará-Grande, pelos Illms. e Rvms. Snrs. Governadores deste Bispado de Pernambuco:

«Certifico que recebi os Exemplares, Carta Regia e Bulla da extincção dos denominados—*Jesuitas*, no dia 5, ás 7 horas da noute, do presente mez e anno, publiquei esta e cantou-se um *Te-Deum Laudamus* no dia 15 do mesmo mez, e nõ dia 19 deste mez e anno remetti os Exemplares, Carta Regia e Bulla ao Revd. padre Antonio de Aguiar Pereira, Vigario da Freguezia de S. José de Ribamar do Aquiraz; ficando todos os Exemplares, Ordem Carta Regia e Bulla registrados nos livros dos Registros, que servem nesta freguezia debaixo do cargo do meu officio.

«Villa da Fortaleza de N. S. d'Assumpção, aos 19 de Fevereiro de 1774. O padre Francisco Xavier Marreiros da Silva, Cura da Villa da Fortaleza e Vigario Geral da Comarca do Ceará-Grande».

—«Carta Circular para os Revds. Parochos deste Bispado de Pernambuco.—Nas Instrucções que me incumbiram do que devia praticar a respeito das solemnes graças que devemos dar ao Altissimo pelo beneficio de haver supprimido o Santo padre Clemente XIV, ora reinante na universal Egreja de Deus, a Companhia chamada de Jesus, confiando do meu zêlo e fidelidade a execução deste tão importante negocio, me ordena faça expedir para todo este Bispado as ordens necessarias, para que em cada uma das suas Egrejas-matrizes sejam lidas sem perda de tempo em occasião de maior concurso de povo a Carta Regia, que sua Magestade Fidelissima foi servido escrever-lhe, o juntamente a Bulla da extincção total da sobredita Companhia, a razão pela qual com esta remetto á V. Mce. as sobreditas Carta Regia, Bulla Pontificia e Lei e as Lettras do mesmo nosso Exm. Prelado, que vão insertas no corpo do meu Edital, que tambem váe com esta, o qual se publicará na forma nelle expressada, conservará affixado no lugar publico da Egreja até o dia da lição das sobreditas Carta Regia, Bulla Pontificia e Lei, estando porem de forma que se não dilacere, afim de ser remettida com esta o com os sobreditos Exemplares para as mais parochias a que pertencer; e de que assim se executou me remetterá V. Mce. certidão e na forma do dia, mez e anno em que recebeu esta com os Exemplares e Edital inclusos do dia, mez e anno em que se re-

le que deixou impresso na memoria dos selvagens incolas do nosso solo o sentimento consolador da Religião, e sanctificou com o sacrificio do seu proprio sangue o introito da civilisação em nossas brenhas. A recordação suave do apostolo da palavra permanecerá na mente dos timidos e suspeitosos aborigenes como imagem de candura e amisade (1); pois o martyr da fé é soldado que ganha no morrer a fortaleza invencivel do espirito dos seculos (2).

---

metteu para a parochia mais visinha, que será a da villa do Aquiraz, seguindo por deante as mais que se comprehenderem na comarca e districto da Capitania do sobredito Ceará-Grande. E, como nestas indispensaveis demonstrações deva V. Mce. conformar-se com o que se praticou nesta Cathedral, depois da lição dos sobreditos Exemplares, fará cantar o *Te-Deum* com a maior solemnidade que permittir o lugar dessa Parochia e com o toque de sino, que tambem haverá de noute, acompanhando ás luminarias que devem ser por tres dias successivos; e por ultimo o Rvd. parocho, a quem a presente é dirigida, me remetterá com os exemplares, que com esta vão. Da fidelidade e zelo de V. Mce. confio se execute todo o sobredito, sem perda de tempo.

«Aceeite V. Mce. os ardentes desejos que tenho de que lhe assista a graça do Senhor para me ajudar com zêlo e fervor neste ministerio.

«Olinda, 16 de Dezembro de 1773. Do Governador e Vigario Geral do Bispado—Doutor Manoel Garcia Velho do Amaral».

Era tamanha a caça que por toda a parte se dava nos membros dessa Companhia, que fez dizer a Goethe no seu *Fausto* citado, pag. 373:—

*Aquelle figurão impertigado,*
*Ventas no ar, olhos alerta, orelhas fitas,*
*quem será? que fareja asafamado?*
*anda á caça; de que? de Jesuitas.*

—A expulsão dos Jesuitas da India em numero de 127 pelo conde da Ega, fiel cumpridor das ordens do marquez de Pombal, o leitor encontrará minuciosamente em Pinheiro Chagas citado, Cap. XIV, Pag. 129 *usque* 133. São paginas dignas de serem lidas por quem tiver sentimentos de justiça, ao menos, de compaixão.

(1) Araripe citado, Pag. 87.

(2) Emilio Castelar, *A Redempção Social*.

Mas desenganemos-nos—é a Religião christã que nos dá a razão consoladora dessa mystica desigualdade na distribuição do soffrimento pelos dilectos da Providencia—soffrendo uns o martyrio de que outros muitos são preservados!

Diz muito bem um illustre escriptor ha pouco convertido: «Esta lei d'um equilibrio a estabelecer entre o Bem e o Mal, é singularmente mysteriosa, quando nisso se pensa; porque estabelecendo-a o Omnipotente parece ter querido fixar limites e subjugar a sua Omnipotencia. Para que esta regra se observe é preciso com effeito que Jesus faça appello ao concurso do homem e que este não se recuse a prestar-lh'o. Afim de reparar os delictos d'uns, elle reclama as mortificações e as orações dos outros; e é ahi que está verdadeiramente a gloria da humanidade; jamais Deus, tão respeitoso da liberdade de seus filhos, que se podem contar aquelles a quem privou do poder de Lhe resistir, jamais Deus foi illudido. Sempre através as idades encontrou Santos que consentiram em pagar, por meio de dôres, o resgate dos peccados e das faltas» (1).

---

(1) Joris Karl Huysmans, *Santa Lydwina de Schiedam*, Pag. 43.

Diz o Editor dessa obra—José Pereira de Castro, isto, que o leitor não perderá em saber: «Huysmans, o grande litterato francez, escreveu ultimamente um punhado de livros, onde se nos mostra como que tendo passado por uma phase completamente nova e inesperada. N'um livro muito interessante, intitulado—*En route*, descurola á nossa vista, em quadros soberbos, os episodios curiosissimos de toda a sua estrada de Damasco. Realmente o nosso espirito tem extraordinaria difficuldade em conceber uma tal transformação, mas elle conta todos os incidentes d'esta sua viagem d'um modo tão enthusiastico, que não se póde oppôr a menor duvida á sinceridade da sua conversão. Para mais comprovar a sua profissão de fé acolheu-se á sombra de um convento, e ahi, sem receber os ultimos votos, elle, como um novo personagem medieval, pratica em pleno seculo XIX a vida monastica».

## VI

Desembaraçado já o campo, sahiu dos matos o padre Luiz Figueira com os cinco indios que o acompanharam; deu com o cadaver do seu irmão em Christo banhado em sangue e, abraçado com elle, cobriou-o de copiosas lagrimas, inconsolavel ainda mais por ver-se só no meio d'aquellas florestas seculares, sem poder seguir ao seu destino, nem permanecer na serra continuando no serviço da catechese.

Si sua carinhosa mãe o visse nesse momento pungentissimo, como a Jocelyn, o desventurado Presbytero, em transes aliás menos dolorosos, lhe teria dito :

*. , . . . . deixa, abandona*
*Esse horroroso, devorante solo,*
*Que proscreve a innocencia, adora o vicio,*
*E onde é crime de morte a mesma prece.*
*Quem não tem mais altar que quer do padre?* (1)

E foi o que elle fez. Mettendo o cadaver em uma tipóia, foi sepultal-o na raiz da serra, querendo que esta, diz o padre José de Moraes, lhe servisse de mausoléo já que lhe tinha servido de throno á sua ardente caridade. Levantou ahi mesmo uma tosca capellinha, em que depositou-o, com uma cruz na frente, para servir de signal certo a um tão rico e imperecivel deposito; e voltou para a aldêa do Ceará, seguindo d'aqui depois para a Bahia (2).

---

(1) Lamartino, *Jocelyn* citado, Pag. 50.

(2) Esse padre é um dos vultos angelicos, que illuminam as primeiras paginas da historia dos Jesuitas em nossa terra. Já velho e cançado não cessava de viajar pelos sertões do Brasil, para catechisar e doutrinar os *pobres brasis*, como com sincera ternura os denomina no *Prologo* da sua citada *Grammatica*. Gozou tambem da gloria do martyrio: foi morto e devorado pelos indios da ilha de Marajó, no Pará. Couto de Magalhães citado, Parte 3.ª, Nota 10 á Pag. 61.

Mas nem porque entre os selvagens da Ibiapaba houve, infelizmente, uma tribu tão deshumana, que chegou a matar, para roubar, um sancto varão, verdadeiro servo de Deus, devemos anathematizar, como fazem alguns, toda uma raça, cultores muitos della dos melhores sentimentos, talvez mais sinceramente do que muitos dos que se dizem civilisados....

. . . . . *A caridade,*
*Que é timbre do christão, tem-n'a o gentio,*
*Como os sanctos a têm; o homem culto*
*Só cultiva o disfarce: dentro é fera,*
*Quando o baptismo lhe não desce n'alma* (1).

Voltemos, porém, aos malvados tocarijús e ao venerando cadaver do martyr, e vejamos si o que seguiu-se a respeito não é muito honroso ao caracter e pios sentimentos dos demais indios, tanto da serra como da colonia.

VII

Morto o padre Pinto, os tocarijús dirigirám se, sem demora, á pobre cabana donde a victima tinha sahido, não poupando cousa alguma que pudesse servir de pasto á sua insaciavel e sacrilega cobiça; e, como seu diabolico intento era matar somente o padre para roubal-o, imaginando ter elle muita cousa em seu poder, retiraram-se ufanos, levando por unicos despojos—as alfaias, as vestes sacerdotaes e os instrumentos do altar portatil!

Mas os tobajáras, apenas souberam da morte do seu querido *Pai-Pina*, assentaram logo em vingal-a a seu modo: procuraram os tocarijús na sua propria aldêa; e, dando-lhes um apertado cerco antes do romper d'alva, fizeram um verdadeiro *Saint-Bar-*

(1) Porto Alegre (Barão do Santo Angelo), *Colombo* citado, Tom. 2.°, Cant. 36, Pag. 420.

*thélemy*, matando com tanto furor e sem distincção grandes e pequenos, moços e velhos, innocentes e culpados, de sorte tal que não deixaram um só que pudesse fazer lembrados seu nome e castigo á posteridade (1).

Não foi, porém, a serra por muito tempo o tumulo do grande servo de Deus. Os indios do Jaguaribe, ainda acossados, em 1609, por uma secca grande (2), lembraram-se logo do seu querido *Ananajira*, que em identicas circumstancias já lhes tinha feito cahir chuva do Céo, e revolveram a trasladação dos seus ossos para junto de si. Tendo por guia o roteiro, que o padre Luiz Figueira lhes havia deixado, e por chefe o Principal *Poti* ou *Camu-*

(1) Padre José de Moraes. *Hist.* cit., Cap. V, e padre Antonio Vieira. *Rel. da Mis.* cit., Cap. II, pr.

(2) Aproveito o ensejo para dar noticia de uma secca em 1745, desconhecida ainda na Provincia e fóra della:

O Jesuita John Breiver—em Murr. *Journal zur Hunstgenhachte*, Vol. 17. Pag. 273. publicado em Nünberg no anno de 1789, escreve:—*Maximis tamen hominibus infelix est continuata siccitas qualis in Siará, et aliis longé latèque circum jacentibus regionibus fuit anno hujus seculi 45, quo toto anno, dubito, an—duodecies pluerit: perentibus pluribus pecorum millibus tam defectu pabuli quam aquæ. Accedebat quod neglectus ignis usque adeo sub terra evaserat, et sibi inverat arbustorum radicis corripieret, ut super paulatim consumeret; unde non nul contigit, ut super has partes incautus subito in latentem sub illis foveam incideret, pedesque ambusserit.*—Versão: — «Entretanto, para a mór parte dos povos continua uma seeca desgraçada, igual á que houve no Ceará e em outras regiões, mais ou menos adjacentes, no anno 45 deste seculo, no decurso do qual duvido que chôvesse doze vezes; perecendo milhares de gados não só á falta de pasto como d'agua. Accrescia a tudo isso que o fogo ganhasse e consumisse paulatinamente, mesmo nas entranhas da terra, as raizes dos arbustos resequidos e emmaranhados; pelo que aconteceu a mais de um que, caminhando por esses logares, cahisseu de subito em fojos occultos sob as mesmas raizes queimadas, e assim queimassem os pés».

Breiver morreu em Colonia a 13 de Agosto de 1789. Esteve dez annos na Ibiapaba, e no Ceará em 1751.

*grão* (1), amigo e admirador do miraculoso *Anamanjára*, poz-se a caminho em procissão, em 1611, em direcção á Ibiapaba.

Foi-lhes facil dar com o tumulo, e não menos trazer os ossos em um caixote, que já levavam de proposito—especie de urna funeraria dos nossos tempos. Si guardaram o maior respeito durante o trajecto, não menos no deposito que fizeram dessas reliquias na aldêa de *Parangaba* (2), em uma igreginha

---

(1) E' este o grande indio D. Antonio Felippe Camarão, cujo retrato orna o salão de honra da Camara Municipal da Capital. Foi um dos maiores vultos da guerra hollandezal no Brasil, em favor da Metropole portugueza, que aliás soube remunerar-lhe os relevantes serviços, com a patente de Capitão-mór dos indios do Brasil, o titulo de Dom, o habito de Christo e a commenda da Ordem dos Moinhos do Soure.

Conforme asseverá o padre Manoel Calado, *Valeroso Lucideno*, Pag. 165, Camarão sabia ler e escrever bem o portuguez, e não era estranho ao latim. Não é, portanto, de admirar que quatro provincias (Pernambuco, Paraiyba, Rio Grande do Norte e Ceará) lhe disputassem o berço, como a Homero sete cidades da Grecia; mas com uma differença, e é que sobre a existencia do heróe rio-grandense do norte não ha a menor duvida; ao passo que a ha sobre a do poeta grego, como se póde ver em O. Muller, *Histoire de la Litterature Grecque*, Vol 3.°, Pags. 283 á 284, Traducção de H. Hildebrand —*Sur la question homerique* (Theoria de Wolf.)—Vide o meu *Vocabulario Indigena* citado, verbo *Petiguáres*.

(2) Araripe, Pag. 85, infere dá seguinte circumstancia que a aldêa, em que foram depositados os ossos do padre Pinto, é a *Parupina*:—«Quando Jeronymo de Albuquerque, em 1614, aportou na enseada do Iguape, ia na comitiva deste official um padre (Manoel Gomes), o qual diz que amarraram na bocca do porto do Ceará (que então era a dita enseada), na altura de 3 gráus e sesmo, e accrescenta:—«A tarde sahi em terra, na qual, posto de joélhos, olhando para a banda onde me disseram estar uma egreja de indios, a 3 legoas de distancia, em que está enterrado o nosso bemaventurado padre Francisco Pinto, me encommendei a elle. Nestes tempos era assás povoado de hordas indigenas o terreno entre a costa e as serras d'Aratanha e Maranguape:

especial, com cruz na frente, levantada de proposito, e de ordem de Camarão. Ahi, segundo seu gentilismo, procederam a pomposas exequias, constantes

---

na parte central desse terreno existe a lagôa *Paupina*; cujas adjacentes nos tempos da primeira colonisação já serviam de assento á aldêa de indios. A distancia de 3 legoas, acima indicada pelo chronista, quadra á aldêa *Paupina* na direcção approximada do poente».

Candido Mendes, em suas *Memorias* citadas, Tom. 2, Nota 2 á Pag. 467, concorda no sitio, mas por outra rasão:—«por causa de *Pai-Pina*, nome por que os indios conheciam o padre Pinto, chamou-se a aldêa de *Pai-Pina*, donde a corrupíela de *Paupina*, onde estiveram sepultados os ossos do mesmo padre Pinto em 1611».

João Brigido, no seu *Res. da Hist. do Ceará* cit., Pag. 12, está de accordo com C. Mendes.

Mas, depois de compostas ditas *Memorias*, é o proprio Candido Mendes, que em *Notas Additivas* á Pag. 461 da *Introducção*, Nota 2, rectifica o seu engano: «Segundo o que escrevemos na Nota 2.ª á Pag. 461, era nossa conjectura de que a aldêa, onde foram sepultados os ossos do padre Francisco Pinto, era Mecejana, em rasão do nome de *Pai-Pina*; mas reflectindo melhor e attendendo á Carta do padre Manoel Gomes, á pag. 72 do Tom 1.º destas *Memorias*, que fixa a distancia dessa aldêa da antiga fortaleza do Ceará, mudámos de parecer, e entendemos que outra não póde ser senão a antiga aldêa da *Porangaba*».

Corroboram a opinião do erudito maranhense duas rasões ainda de maior procedencia:

1.ª Berredo, nos seus *Annaes do Maranhão*, diz que os ossos do padre Pinto conservam-se no Ceará na aldêa dos *Algodões*, que era a da *Porangaba*, como se vê perfeitamente da Carta Topographica do Ceará, de Gaspar Barlæus, e attesta a mais ininterrompida tradição.

2.º Em 1661, o Principal *Jacaúna* (em portuguez—*Jacarandá preto*), irmão de Camarão, já se havia mudado do *Acaracú* (actualmente *Acaracú*) para a *Porangaba*, onde fixára sua aldêa, para proteger a Soares Moreno, a quem chamava de filho, como assevera Pompêo, *Dic. Top.*, verbo *Arronches*. Tambem era na *Porangaba*, diz C. Mendes, que vivia o Principal *Amanahy* ou *Algodão*, o primeiro, como vimos, que travára de amisade com o padre Pinto, quando este chegára á aldêa do Ceará. Ora, nada mais natural do que Camarão depositar os ossos do seu idolatrado *Amanajára* na aldêa em que vivia seu irmão *Algodão*, e ficava mais perto.

de chôro continuo durante tres dias, chamadas na lingua delles—*içapiron* (1).

Todos os Principaes trajavam com a maior pompa, e os indios com todo o luxo possivel.

Seguiu-se outra cerimonia não menos edificante. Camarão ordenou que todas as tribus das aldêas visinhas, em procissão, fossem visitar aquellas venerandas reliquias; e as da propria aldêa—todos os dias, pela manhã, fossem dar-lhes os *jandé-coéma* (2), correspondentes aos *bons dias*, do nosso uso civilisado.

*Tem para si que a poeira*
*D'aquelle que chorão morto,*
*Quando a alma já descança*
*Da eternidade no porto,*
*Nenhures está melhor*
*Do que na urna grosseira,*
*Que a cada momento enchergão,*
*Que de instante a instante regão*
*Com seu pranto de amor* (3).

Em outras partes essas reliquias não seriam objecto de mais piedosa veneração. Em 1614, conta

---

(1) Quer dizer literalmente—*olhos vermelhos*: de *içá*, olhos e *piron*, *pirong*, *piranga*—vermelhos.

D'ahi *sapiranga*, molestia muito conhecida, que já vem no *Dic.* de Candido de Figueiredo—inflammação das palpebras, produzida pela presença de um parasita que faz cahir as pestanas, pondo vermelhas as palpebras.

(2) *Nandé*, *iandé*, *yandé*, *jandé*, nosso e *côema* manhã. Literalmente—nossa manhã ou manhã de nós; livremente—bons dias, a saudação da manhã.

(3) G. Dias, *Estancias*, Obras Posthumas, Tom. 1.º, Pag. 1.ª

o padre Manoel Gomes ao Provincial da Ordem, em carta datada do Ceará:

«Fallei com os indios, que acudiram á praia a saber da novidade de tão grande armada em seu porto, e pela devoção que ao reverendo padre têm, me fizeram força para me levarem á sua aldêa. Difficultei a ida em rasão da distancia, e porque nos haviamos fazer á vela na manhã seguinte. Instaram-me que me levariam em rêde, vim a concerto que iria a pé, se me largassem os ossos do padre Francisco Pinto; o que não quizeram e affirmaram os haviam de defender com as armas se lh'os quizessem tirar, persuadidos que os Céos lhes deixariam de fazer mimos e mercês, se a isso consentissem e assim o tinham experimentado, que faltando-lhes algumas vezes, annos inteiros, chuvas, e por essa causa os mantimentos, fructos e fructas; e que depois que em sua egreja o agasalharam não lhes faltou chuva nem sol a seu tempo, e quando os ameaça essa falta se vão á sua sepultura e fallando com o servo de Deus, dizem:—*Pae Pinto, dá-nos chuva, ou dá-nos sol*, conforme á sua necessidade, como se fôra elle senhor dos tempos; e Deus, para honrar seu servo e mostrar quão acceita lhe é esta missão, lhes concede tudo á medida dos seus desejos.» (1)

Mas, onde param hoje essas reliquias, depois de quasi tres seculos? E' impossivel dizer-se. O que, porém, póde-se affirmar é que será sempre veneranda a memoria do servo de Deus, levado em espirito para a sua patria celestial.

---

(1) Essa Carta vem transcripta integralmente na *Hist.* do padre José de Moraes, Cap. IX *in fine*. Diogo de Campos Moreno, na sua *Jornada do Maranhão*, em 1614, attesta tambem a mesma veneração.

*Emquanto as aguas para o mar correrem,*
*Emquanto a sombra errar do monte ao valle,*
*Emquanto o polo apascentar estrellas,*
*Teu nome, a gloria tua, o teu louvor*
*Eternos hão de ser, si o mundo fôr* (1).

---

(1) Traducção da *Eneida* de Virgilio, Livr. 1.º, Vers. 638 a 640, nos quaes Enéas diz á Dido:—

*In freta dum fluvii current, dum montibus umbra*
*Lustrabunt convexa, polus dum sidera pascet,*
*Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.*

Camões, traduziu essa passagem quasi literalmente na *Est.* 105 do *Cant.* 2.º dos *Lusiadas*:

*Emquanto apascentar o largo polo*
*As estrellas, e o sol der lume ao mundo.*
*Onde quer que eu viver com fama e gloria*
*Viverão teus louvores em memoria.*

S. Carlos verteu tambem com muita fidelidade no seu poema—*A Assumpção da Virgem*, Cant. 6.º, Pag. 201:

*...emquanto louverem*
*no Céo estrellas, na campina flores,*
*Viverão sobre a terra os teus louvores.*